



Grupo Parlamentar

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do

Governo

Há dez anos que o PS tem a responsabilidade de governar a Região.

Como quase tudo na vida, depois da euforia dos primeiros tempos, depois das expectativas criadas nos sucessos que se desejam e parecem concretizáveis, depois das esperanças num novo modo de vida, depois das sucessivas desculpas e justificações dos próprios e dos outros para os primeiros erros, insucessos e incumprimentos, enfim, depois dos alentos dos primeiros tempos de qualquer vida, vem a constatação de que apesar das realizações e feitos muito fica por fazer, vem a desilusão dos incumprimentos dos próprios sonhos, a impaciência relativamente aos erros, a assunção dos insucessos, no fundo, a consciência de que o tempo desgasta, cansa e, afinal, é irrecuperável.

E, afinal, não volta para trás!



Grupo Parlamentar

Do mesmo modo, depois da euforia dos primeiros tempos de governo, depois das expectativas criadas nos protagonistas da governação, depois das esperanças que os açorianos depositaram num novo modo de governar os Açores, depois das sucessivas desculpas e justificações para os primeiros erros, insucessos e incumprimentos, enfim, depois dos alentos dos primeiros tempos de qualquer vida, vieram a desilusão dos incumprimentos, a impaciência relativamente aos erros, a assunção dos insucessos, no fundo, a consciência de que o tempo desgasta, cansa e, afinal, é irrecuperável.

E, afinal, também na política, tempo não volta para trás!

Perante esta inevitabilidade, ou se assume a inexorabilidade do próprio tempo, da própria vida, aceitando consciente e saudavelmente que a vida é como é, e que não poderemos viver como se o tempo não passasse, ficando-se preso a esse mesmo tempo, não por aquilo que ele é, mas por aquilo que a própria vida em cada tempo nos dá.

Ou, de outro modo e ao invés, tenta-se disfarçar, tenta-se fazer com que a vida pareça aquilo que verdadeiramente não é, como se hoje não fosse o dia seguinte a ontem sempre sem alcançar o amanhã, como se nada se tivesse passado, como se não



Grupo Parlamentar

houvesse tempo, como se não houvesse o próprio percurso que sendo assumido revela o respeito que cada um dá à vida.

E se isto é assim na vida, deve ser, tem de ser, assim na política como actividade eminentemente humana que é.

Ao contrário de uma teoria agora aparentemente em voga neste tempo e neste espaço, a política não é um teatro, onde alguns tentam desculpar a defesa acirrada daquilo em que não acreditam com o pretensu exercício de artes dramáticas.

Ao contrário de uma prática realmente assumida por alguns, a política não é um mero jogo de luzes, em que o que parece surge apresentado como se o fosse, sabendo-se que não o é.

Ao contrário da actividade pública de alguns, a política não é uma sucessão de truques ou ilusionismos com o propósito assumido de distrair os outros ou mascarar a realidade.

É assim que, passados dez anos de governação socialista, o PS, ou o Governo naquele ou incluindo-o, vem demonstrar expressamente que já sente os efeitos do tempo.



Grupo Parlamentar

A governação socialista dos Açores, manifesta, assim, vergar perante o peso dos seus insucessos, dos seus erros e dos seus incumprimentos e verga perante o peso dos anos, dos dez anos, que teve a oportunidade de concretizar, realizando os sonhos, esperanças e vontades dos primeiros tempos.

Tentando tudo isto disfarçar com a ilusão requentada dos mesmos truques, dos mesmos números, das mesmas letras, das mesmas músicas e dos mesmos autores e actores.

O último episódio desta maneira de actuar sucedeu com o aparatoso anúncio do início de uma “*nova geração de políticas nos Açores*”.

Com efeito, a dita revelação foi feita com o anunciado e preparado aparato de juntar Deputados e Governo, dando um estranho, mas significativo, tom de anormalidade a uma reunião que, na sua estrita dimensão partidária, pensávamos ser normal.

Anormal, pelo contrário e para o PSD, é que essa reunião partidária tenha sido o mero pretexto para esse anúncio e que este, pelos efeitos que se pretendeu que tivesse na vida política regional, tenha ocorrido exactamente no círculo restrito e



Grupo Parlamentar

partidário a que o Presidente do Governo tenta diminuir a vida pública dos Açores.

Assumida e afrontosamente para os açorianos, tal anúncio foi feito num palco exclusivamente partidário em vez de ser realizado perante esta Assembleia que legitimamente representa todos os cidadãos dos Açores, e que mais uma vez é desrespeitada e desconsiderada pelo Presidente do Governo, ou, mesmo, perante os parceiros sociais cujos vários conselhos regionais também são, eles próprios, sucessivamente desrespeitados, ora pelo seu não funcionamento ora pela restrição da sua existência á audição de factos consumados, para a fotografia da propaganda socialista.

Foi assim, que, mais uma vez, o Presidente do Governo, montou aparatosamente um vulgar circo, como se fosse uma das maravilhas do mundo moderno e anuncia propagandisticamente a apresentação de um extraordinário número de ilusionismo.

Com o circo montado, o Presidente do Governo anunciou para os Açores – ou melhor, para aqueles que julga serem os únicos açorianos dignos de tal notícia - a implementação de uma *“nova geração de políticas”*, um novo impulso no



Grupo Parlamentar

desenvolvimento dos Açores, o sucesso, a esperança, a efectiva realização do sonho.

E fê-lo, como se não houvesse passado, como se não houvesse tempo, ou melhor e na verdade, porque há passado, porque há tempo, há dez anos de governo, há insucessos, há erros.

E é na própria designação propagandística encontrada que incide a contradição insanável da actuação governamental socialista.

Pois, a denominada “*nova geração de políticas*” não é nova nem é espontânea.

Não é, decerto, de geração espontânea, pois, só pode ser da geração do mesmo PS que está no Governo há dez anos, só pode ser da mesma gestação dos mesmos políticos que há dez anos governam os Açores.

Não é nova, porque repete o muito daquilo que tem sido dito, prometido e já repetido durante estes dez anos.



Grupo Parlamentar

Porque constatou que tem falta de gente, falta de uma nova geração de políticos, falta de soluções, falta de realização, falta de sucessos, falta de eficácia, o Presidente do Governo sentiu que, dez anos depois de dirigir os destinos dos Açores, um ano depois de ser reeleito por uma margem eleitoral significativa e a três anos das próximas eleições, teria de fazer alguma coisa, porque algo não está a correr bem.

Porém, não se resolve tudo isso com um truque, com o mesmo discurso, com as mesmas propostas.

Numa extensa comunicação pretensamente de Estado em sede partidária, em que a própria comunicação social teve dificuldade em encontrar notícia, o Presidente do Governo centraliza a dita “*nova geração de políticas*” no Investimento externo, no reforço da nossa relação com a Europa, na qualificação, no emprego, nas novas tecnologias, na juventude, na toxicodependência, no reforço das actividades inspectivas regionais, na regionalização do Instituto Marítimo Portuário, na reforma da administração, e em mais uma alteração orgânica.

Porém, o problema é que o truque, de velho, desgastado e conhecido, já não resulta.



Grupo Parlamentar

Porém, o problema é que aquilo que o Presidente do Governo referiu como novas políticas coincide exactamente com o discurso e as propostas que, sucessivamente, o PSD tem apresentado designadamente nesta Assembleia e nesta tribuna sendo atacado sem excepção pela maioria socialista.

Foram várias as intervenções do PSD sobre a importância do reforço e da assunção da nossa relação com o Mundo, em especial com a Europa, sobre as políticas de Emprego – ainda bem recentemente -, sobre a importância da qualificação, sobre o grave e dramático problema que é a toxicodependência e do insucesso da acção governativa nesta área.

Porém, o problema é que tudo aquilo que o Presidente do Governo disse agora é exactamente igual ao muito que foi palavreando em dez anos.

Basta, para o efeito, consultar os sucessivos programas de Governo desde 1996, ou os discursos proferidos nestes dez anos.

Agora, César falou na “*necessidade de priorizar e de conferir outra ênfase à presença do investimento externo*”.



Grupo Parlamentar

No entanto, já no dia 18 de Fevereiro de 1997, ao comemorar os cem dias da sua governação – ao tempo que isso foi! - já falava em investimento externo.

Em 15 de Maio de 1997, nos alvares da sua governação, César também já assumia *“prioridade (...) à qualificação dos recursos humanos, aos investimentos estratégicos e aos reprodutivos, fomentando a cooperação inter-empresarial e o investimento externo nos Açores”*.

Ainda em 26 de Maio de 1997, há cerca de nove anos, o Presidente do Governo falava no *“investimento externo”* como via fundamental *“para a melhoria da competitividade da nossa economia”*.

Em 5 de Setembro de 1997, em 7 de Setembro de 1998, em 9 de Novembro de 1998, ou em 6 de Dezembro de 1998, em que falando no importância do investimento externo acentuava *“o investimento nos recursos humanos no conhecimento, na sociedade da informação nas modernizações tecnológicas”*, o que voltava a repetir em 18 de Dezembro do mesmo ano de 1998, ou em 3 de Dezembro de 2003, ou em 9 de Dezembro de 2003 em que produz afirmação que poderia muito bem ter sido proferida



Grupo Parlamentar

agora no âmbito da “nova geração de políticas”: “São também *objectivos (...) garantir a empregabilidade e assegurar as condições para atracção de investimento externo, designadamente em núcleos tecnológicos e sectores industriais avançados*”.

Continuava em 9 de Dezembro de 2004, a falar no investimento externo como “*trave mestra do modelo de desenvolvimento económico*”, no que foi sendo seguido nas sucessivas declarações do Secretário Regional da Economia, então responsável pela área.

A partir de Fevereiro de 2005, o Presidente do Governo passa a ser acompanhado neste discurso pelo Vice-presidente do Governo que, pelos vistos, já tinha açambarcado a responsabilidade pela área ainda antes de o seu colega da Economia saber, pois em 16 de Fevereiro de 2005, já fala no “*fomento da captação do investimento externo*” como vector fundamental para o nosso desenvolvimento, o que volta a repetir em 9 de Maio do mesmo ano, isto é, há precisamente um ano atrás.



Grupo Parlamentar

E depois de tudo isto, em todos estes anos, também no que se refere ao Emprego, no que se refere à qualificação, no que concerne à nossa relação com a Europa, às nas novas tecnologias, à juventude, à toxicodependência, vem alguém agora dizer, exactamente, o mesmo como fundamento de uma “nova geração de políticas”?

E o que dizer da ausência de políticas de nova ou velha geração, para sectores decisivos como a Saúde, que se encontra em completo descalabro, ou da Educação que, segundo o próprio Grupo Parlamentar do PS, *“é um sucesso, o problema é o insucesso”*, por culpa (imagine-se) de outros como as associações de pais, ou de políticas novas para velhos e constrangedores problemas para o desenvolvimento dos Açores, como os transportes aéreos e marítimos, ou de novas políticas para os grandes problemas dos nossos agricultores e dos nossos pescadores, ou de novas políticas para o grandes problemas que serão cada vez maiores com a inacção do Governo na área do Ambiente.

Assumindo a necessidade de intervir de outra forma na área do Emprego, o Governo não está a fazer outra coisa do que contradizer tudo o que tem dito nestes dez anos sobre o sector e a



Grupo Parlamentar

dar razão às recentes declarações do Presidente do PSD-Açores e deste Grupo Parlamentar.

Assumindo, a importância de intervenção ao nível do Investimento Externo, o Governo está a assumir o rotundo falhanço de um dos seus membros em total e repetido estado de desconsideração pelos seus Presidente e Vice-Presidente.

E a mesma sensação de ineficácia e insucesso surge em todas as outras áreas com velhos problemas e agora assumidamente necessitadas de novas políticas.

Com efeito, ao repetir agora, para fundamentar a nova geração de políticas, as mesmas afirmações e vontades de 10 anos de discursos e promessas, o Presidente do Governo assume o falhanço das velhas políticas. O problema é que faz parte, é o responsável máximo de umas e de outras. Porque são, no fundo, as mesmas.

Tudo se torna ainda mais evidente, quando se tenta remediar o irremediável, com mais uma alteração orgânica.



Grupo Parlamentar

Pois, se isso resolvesse alguma coisa já estava resolvido desde 1996, com as sucessivas mudanças da orgânica governamental.

De resto, também aqui, o Governo Regional socialista já fez de tudo, estando hoje com o dobro dos membros do Governo do seu início, com 24 direcções regionais e mais 15 serviços equiparados a direcção regional, quando em 5 de Setembro de 1997 se prometia “melhorar a operacionalidade e eficiência da administração e reduzir a sua departamentalização através, inclusive, da diminuição do número de cargos dirigentes”. Mas, isto era dito pelo governo socialista em 1997!

O problema dos Açores, os problemas dos açorianos, não se resolvem, assim, com este tipo de políticas de nova ou velha geração, com estes repetidos discursos, truques, jogos de luzes ou encenações. Porque se fosse assim, os Açores hoje já não estariam como estão.

O facto é que passados dez anos os Açores, e perante os últimos dados oficiais conhecidos, estão nos últimos lugares das boas referências e nos primeiros lugares das más referências.



Grupo Parlamentar

O PIB dos Açores teve em 2003 um resultado negativo de 0,8%, enquanto que, por exemplo, a Madeira teve um resultado positivo de 1,7%.

O PIB percapita dos Açores representa 83% da média nacional e 56% da média da União Europeia a 15.

Ao nível da Produtividade, os Açores representam 81% da média nacional, a mais baixa do país.

No que respeita ao Rendimento Disponível, os Açores representam 82% da média nacional, abaixo dos 84% da Madeira.

A Taxa de Actividade nos Açores é de 45%, enquanto que no País é de 52% e na U. E. 70%.

O Índice do poder de compra nos Açores é o mais baixo do país representando 65% da média nacional

Ainda, segundo dados recentes, estamos num preocupante quarto lugar dos níveis de criminalidade do país.



Grupo Parlamentar

É por tudo isto, que os velhos e novos problemas dos açorianos não se resolvem com estas velhas políticas apesar de se lhes chamarem de nova geração.

É como um Presidente do Governo desgastado de dez anos de poder, que tenta disfarçar a sua imagem com o envio de uma nova fotografia para tudo o que é casa com porta aberta na sua terra.

A novidade da fotografia não engana a idade do retratado.

Acontece o mesmo com esta aparatosa revelação da nova geração de políticas, não engana o tempo, não engana os insucessos, não engana os incumprimentos, enfim, não engana os açorianos.

O PSD, como partido da alternativa, com a representação política que hoje tem, com a vontade e a Esperança que nos motiva, não se deixa iludir e, por isso, tem o dever de levantar a sua voz para que o adormecimento e a ilusão que alguns impõem e que funciona perante outros, não ponha em causa o verdadeiro desenvolvimento da nossa terra e a vida dos açorianos.



Grupo Parlamentar

Disse.

Horta, sala das Sessões, 9 de Maio de 2006